

CONJUNTURA ECONÔMICA, CRISE E O MERCADO DA SOJA

Francisco José Gouveia de Castro *

A atual conjuntura econômica nacional e as condições do mercado internacional de *commodities* vêm impondo um cenário de incertezas em relação ao rendimento da agroindústria nacional. Antes de tudo, é importante ponderar que o mercado é um dos aspectos mais relevantes para a coordenação do agronegócio, pressupondo que é fundamental considerar o comportamento do preço dos insumos de produção. De fato, nesse segmento, antes da composição de custo, o que determina seu desempenho é o movimento da oferta e da demanda.

Outra característica importante, que não pode ser ignorada, é o risco derivado das incertezas climáticas, uma vez que as expectativas de eventos climáticos extremos podem em grande medida induzir a volatilidade dos preços no setor, o que acaba assumindo uma importância significativa no direcionamento dos mercados, principalmente de Futuros.

No caso do Paraná, a atuação eficiente das cooperativas agroindustriais tem gerado um efeito virtuoso na economia do Estado, mesmo diante das barreiras inerentes à atividade, se consolidando inclusive como âncoras para o desenvolvimento das regiões onde sua capacidade de produção alcança.

Isso posto, é essencial analisar o comportamento das variáveis macroeconômicas para se obter uma visão prospectiva dos desafios com os quais o setor pode se deparar em 2016 e que refletem diretamente nos resultados da economia paranaense.

No que tange ao mercado internacional, segundo estimativas do United States Department of Agriculture (USDA), o mundo deverá alcançar, na próxima safra, a produção de 320,11 milhões de toneladas, volume 0,35% superior ao do exercício anterior. Já os estoques deverão crescer 6,3% no exercício 2015/2016 em relação à safra 2014/2015. Grande parte do crescimento do estoque mundial deriva da supersafra norte-americana, que deverá ter uma variação de 142,8%, em igual período (tabela 1).

TABELA 1 - ESTIMATIVAS DE ESTOQUE E PRODUÇÃO DE SOJA DOS PRINCIPAIS MERCADOS - 2014/2015-2015/2016

PAÍSES	ESTOQUE (em milhões de toneladas)			PRODUÇÃO (em milhões de toneladas)		
	Safra 2014/2015	Safra 2015/2016	Variação (%)	Safra 2014/2015	Safra 2015/2016	Variação (%)
Estados Unidos	5,21	12,65	142,8	106,88	108,35	1,38
Exportadores	50,59	49,49	-2,2	168,81	168,91	0,06
Argentina	31,66	30,36	-4,1	61,4	57	-7,17
Brasil	18,86	19,06	1,1	96,2	100	3,95
Paraguai	0,06	0,06	0,0	8,1	8,8	8,64
Importadores	19,2	17,75	-7,6	15,6	14,98	-3,97
China	17,98	16,58	-7,8	12,35	11,5	-6,88
União Europeia	0,45	0,43	-4,4	1,81	2,05	13,26
Japão	0,22	0,24	9,1	0,23	0,22	-4,35
Mundo	77,66	82,58	6,3	319	320,11	0,35

FONTE: USDA

NOTA: Elaboração do IPARDES.

Diante das boas condições da safra mundial de soja, o levantamento do USDA indica a continuidade do declínio das cotações internacionais da oleaginosa para o próximo ciclo. Na verdade, o crescente aumento dos estoques mundiais das *commodities* vem contribuindo para a desvalorização da soja nos últimos anos. De fato, os preços das *commodities*

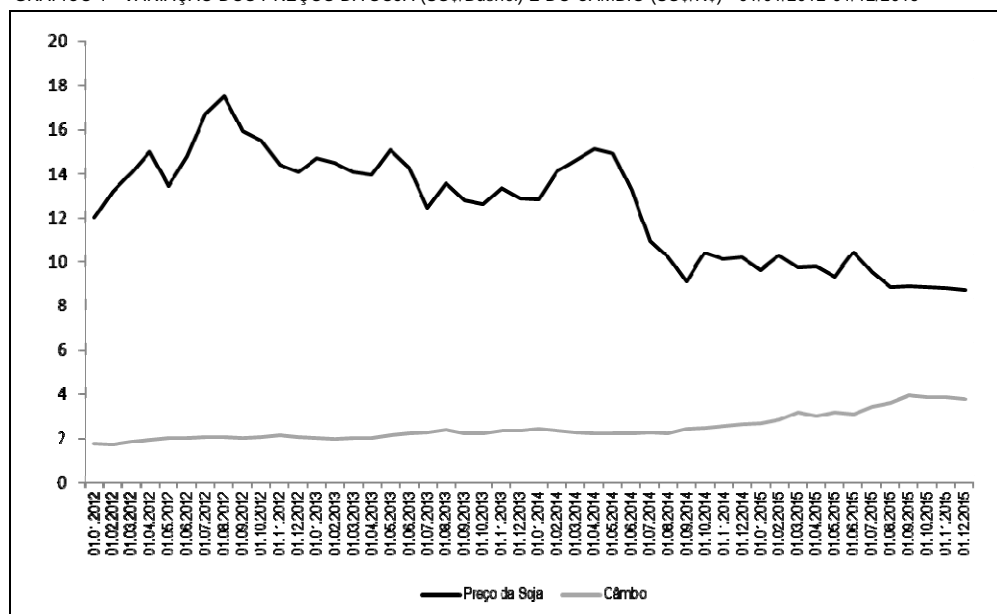
* Economista, Diretor do Centro Estadual de Estatística do IPARDES.

agrícolas negociados na Bolsa de Chicago vêm registrando queda desde 2012. Segundo os dados da Bolsa de Chicago, o preço do Bushel da soja segue uma tendência de queda ao longo do período compreendido entre janeiro de 2012 e dezembro de 2015. Em janeiro de 2012, o preço da *commodity* na bolsa americana era de US\$/Bushel 12, ante US\$/Bushel 8,7 em dezembro de 2015.

Por outro lado, o câmbio tem amenizado o declínio do valor negociado no mercado internacional. De acordo com informações do Banco Central do Brasil, a taxa de câmbio, em janeiro de 2012, foi de US\$/R\$ 1,74, ante US\$/R\$ 3,77 em dezembro de 2015 (gráfico 1). O preço em reais da saca em dezembro de 2015 é de R\$ 72,31, valor bem superior se a cotação permanecesse estável ao valor de janeiro de 2012, o qual, nas mesmas condições, seria de R\$ 33,38 a saca.

Apesar das boas condições devido à atual situação do câmbio, o cenário impõe a necessidade de os agentes adotarem medidas mais conservadoras, em razão do risco com o qual o setor se depara. A combinação entre a crise econômica interna, inflação, volatilidade do câmbio, expectativa de supersafra nos Estados Unidos, desaceleração da China, baixos níveis de atividade econômica e o crescente custo dos insumos agropecuários exige atenção para um cenário de risco em 2016.

GRÁFICO 1 - VARIAÇÃO DOS PREÇOS DA SOJA (US\$/Bushel) E DO CÂMBIO (US\$/R\$) - 01/01/2012-01/12/2015



FONTES: Investing.com, Banco Central

A China reduziu o ritmo de crescimento, contagiando grande parte da demanda das *commodities* brasileiras, que havia viabilizado a sensação de bem-estar dos governos Lula. Segundo estimativas do Fundo Monetário Internacional (FMI), a economia chinesa cresceu 7,4% em 2014, 6,8% em 2015 e 6,3% em 2016, o que gera dúvidas em relação à capacidade do País em continuar comprando significativa fatia da crescente produção de soja brasileira.

No *front* interno, o grande desafio do setor para 2016 é o cenário pouco otimista de crescimento da economia. O crescente déficit público, que deve atingir um patamar acima de 8% do PIB este ano, e o conseqüente crescimento da dívida em relação ao PIB, aumentam o risco e agravam a confiança, levando a pressão inflacionária.

O mais grave é que a economia interna mergulha na recessão mais severa desde a virada da década de 1980 para a de 1990. No terceiro trimestre, o Produto Interno Bruto (PIB) encolheu 1,7% comparativamente ao trimestre anterior. Na comparação anual, a queda foi de 4,5%, segundo os dados do IBGE. Tal contração foi marcada por uma queda de 15% nos investimentos em relação a 2014, pela retração do consumo das famílias (-4,5%) e desaceleração em todos os setores, inclusive o agropecuário (-2%).

Os recentes resultados tiveram impacto na média das estimativas das expectativas de mercado, que passaram de -3,2% para -3,7% do crescimento do PIB de 2015 e de -2,2% para -2,8% as previsões do PIB para 2016. Essas projeções revelam uma difusão das dificuldades no conjunto da economia. Os baixos níveis de confiança dos consumidores e empresários, em paralelo à existência de volumes elevados de estoque, reforçam as perspectivas adversas para o próximo ano, além de que as percepções da evolução desfavorável do mercado de trabalho sustentam as previsões de que a contração do consumo e do investimento ainda vai se estender até 2017.